

MEMORIAS

DA ASSOCIAÇÃO

CULTO À SCIENCIA.

NUM. 1.º

S. PAULO.—TERÇA-FEIRA 10 DE MAIO.

1859.

INTRODUÇÃO.

Em seo caminhar constante, a humanidade váe deixando gravadas em letras indeleveis no pedestal dos seculos, os seus esforços apról da civilisação e do progresso.

A lei do aperfeiçoamento humano se ostenta mais brilhante em cada geração, que se succede, e se alguma vez se esconde por entre os nevoeiros de uma época, é apenas para recuperar novas forças em suas lides incessantes, e adiante apresentar-se mais lusente.

O homem, trabalhando sempre para attingir essa felicidade, que em seu beíço desvendou-lhe o Creador Supremo, se acérca das tradições passadas, tinctas aqui de sangue, sublimes alli de sacrificios, desce ás ruinas dos imperios, aos destroços dos palacios e dos templos, investiga as causas e os effeitos e nas azas do raciocinio se eleva ás regiões da luz.

E a humanidade avança sempre e a civilisação como a corôa de seus triumphos acompanha-a ornando-lhe a frente.

Filha d'uma geração que lá se váe cheia de tradições gloriosas, deixando o seu nome eterno para toda a posteridade, não podia a mocidade academica contemplar muda e fria os esforços de seus

antepassados, o quadro sublime da humanidade em seu progresso. Enthusiasta e ardente pela causa da sciencia, ella trabalha para despir as vestes poerentas da ignorancia e ornar-se com as galas da verdade. Assim, muitas associações scientificas se tem formado n'esta cidade, e não pequenos auxilios já tem prestado á causa das letras, lançando d'essa maneira um brado de indignação contra o indifferentismo da actualidade, e o imperio do materialismo que reina garboso em nosso paiz.

Entre ellas uma se apresenta que batalhando na mesma arêna, pelejando pela mesma causa, inscrevêo em seu estandarte um nome, que exprime o seu fim e seus desejos—CULTO A' SCIENCIA.—

Filha da convicção íntima da necessidade do cultivo das letras e do desenvolvimento intellectual em seu paiz, ella dêo começo ás suas lides scientificas no dia 11 de Agosto de 1857.

Fundárão-na alguns—jovens em cujo peito ardia o sacro amor da sciencia, e de então não medindo a altura dos obstaculos que se levantárão em seu passar, não contando o numero dos sacrificios, elles não tem poupado esforços para o conseguimento de seu fim.

Hoje, reconhecendo indispensavel o

auxilio da imprensa, para ajudal-as em sua ardua tarefa, apresentão-se sulcando o tormentoso pélogo do jornalismo.

Serão os pequenos fructos de nossas locubrações e nossos trabalhos que faremos apparecer perante o publico.

Serão as phases da vida da nossa sociedade, os acontecimentos mais importantes de sua existencia, as victorias que fôrem alcançando, porisso dêo ao seu jornal o nome de suas—MEMORIAS.

Desde já presentimos o espirito de zoi-lismo que se ha de levantar como um phantasma para esmagar nossos esforços; no entretanto nos resignaremos; não nos falta animo e coragem para levar ao cabo nossa tarefa.

Aquelles, porém, que comprehenderem a pureza de nossas intenções, conhecerão que são apenas ensaios, darão os devidos descontos ás nossas faltas e tão sómente com a consideração d'estes ficaremos contentes.

Deus nos ajude em nossa missão, e corôe com a victoria os nossos esforços.

S.

DIREITO NATURAL.

POLYGAMIA.

Polygamia é o casamento simultaneo de um homem com muitas mulheres.

Este systema de casamento que foi seguido pelos povos antigos, e que ainda é, infelizmente, admittido por muitas nações modernas, é detestado pelo bom senso d'aquelles que não considerão as cousas só pelo seu exterior. Elle, contrario, por sua natureza, aos principios de equidade, nos dá uma prova exuberante dos desvarios que a humanidade tem sof-

rido no seu caminhar. Quando se procura saber quaes fôrão as causas que produzirão esta especie de casamento tão extravagante depara-se com os escriptores, que tem tratado d'esta materia, divididos em diversas opiniões. Uns pretendem vêr a sua causa, na influencia de um clima quente. Esta opinião porém é refutada quando a Historia e mesmo as relações dos viajôres provão, que nos paizes frios do norte, os attentados contra o pudôr são em maior numero que nos paizes cálidos do sul. Outros dizem que a sua causa era o dezejo ardente que tinham os povos primitivos de augmentar a sua próle. Esta opinião podia ter mais valor se os seus partidarios pudessem provar que a união de muitas mulheres á um só homem faz com que ellas deixem de ser estereis, ainda mesmo que o seião por sua natureza, ou que o homem que é naturalmente esteril torna-se fecundo, unindo-se á muitas mulheres.

A verdadeira causa da polygamia era, como bem dizem alguns escriptores, (cuja opinião seguimos) o abuzo que se fazia, por meio da força, dos direitos dos mais fracos. A humanidade, como sabemos, era em seu berço, bem como uma criança que alimenta-se mais da vida dos sentidos que da do espirito; por isso deixando impressionar-se pelo character cosmologico da natureza, esquecia-se de contemplar as cousas em sua natureza íntima para admiral-as exteriormente.

Na infancia da humanidade, n'essa época do materialismo em seu maior auge, a mulher, sublime producção do Creador, foi victima do juizo erroneo de alguns philosophos; ella foi, pela illusão dos philosophos d'aquella época, degradada a ponto de tornar-se um objecto de commercio. Desde então, é claro, que a acquisição de muitas mulheres era facil para aquelles que podião commerciar em alta escala. Não era consultada a vontade da mulher, mas sim a de seu pai, por quem pretendia compral-a. Logo que se realizava a compra, a mulher ficava pertencendo á seu marido sujeita á condição de escrava, elle podia dispôr d'ella do mesmo modo porque um Senhor dispõe de uma escrava.

O que admira é que esta instituição, oriunda de um paiz despotico como o Oriente, fosse admittida na Grecia paiz cuja liberdade é proverbial. Da Grecia a polygamia passou a Roma e estendeu-se até ás nações modernas. O philosopho Chrysippo aconselhava, porém inutilmente, que as crianças fossem educadas por philosophos, por causa de certos prejuizos que ellas adquirem na infancia que as acompanhão até o tumulo; assim é a humanidade que adquirio, em sua infancia, certos prejuizos que parecem querer acompanhar-a sempre apezar dos esforços que a civilisação tem feito para dissipal-os.

A polygamia é absurda pelo seu fundamento e horrivel pelos inconvenientes que d'ella resultão. Ella funda-se no falso juizo que alguns philosophos antigos fazião da mulher, negando-lhe dons e predicados que o Creador lhe concedêra, os quaes hoje são, quasi geralmente, reconhecidos. Pensavão elles que a mulher não é dotada das mesmas faculdades que o homem, e baseados n'isto aniquilavão barbaramente a sua liberdade, tornando assim deploravel a condição do ser que é, como bem diz o Snr. Ahrens, o complemento da humanidade. Mais tarde, os abuzos que tinhão aviltado a condição da mulher a ponto de fazer d'ella um objecto de commercio, fôrão destruidos pelo progresso da civilisação, e a Philosophia conseguiu demonstrar com toda a evidencia que a mulher é dotada das mesmas faculdades que o homem. E' verdade que as faculdades na mulher parecem ser mais fracas que no homem; mas assim não é, por que ella, creada para occupar-se em um trabalho todo diverso d'aquelles que occupão a attenção do homem, mostra, no comprimento de seus deveres domesticos, uma actividade igual e, ás vezes, superior á do homem. Demais, se a mulher não chega, como o homem, a apparecer no mundo da sciencia não é por incapacidade, mas sim por que os seus deveres domesticos não lhe deixão tempo para entregar-se á meditações muito profundas. Tanto ellas não são incapazes de occupar um lugar importante na sciencia, que a Historia nos apresenta muitas mulheres

dignas de admiração pelo seu saber; taes são, por exemplo, Aretéa filha de Aristippo, que aprendeu tambem a Philosophia, que chegou a explicar, depois da morte de seu pai, as doutrinas philosophicas que este ensinava; M.^{me} de Staël tão celebre e tão conhecida pelos litteratos, M.^{me} Gay e outras muitas que seria longo enumerar.

Refutado, como temos, o juizo erroneo que se formava da mulher, na antiguidade, concluimos que a polygamia é falsa pelo seu fundamento, porque ella se fundava n'esse juizo. Os inconvenientes da polygamia vão apparecer pelas considerações seguintes:

E' essencial a toda a sociedade, para a sua existencia, serem uns dotados de maiores recursos que outros, serem uns muito ricos e outros muito pobres; ora os ricos, (admittida a polygamia) por isso mesmo que dispõe de sobejos recursos, pôdem chamar a si muitas mulheres, e prejudicarem d'este modo aos individuos da sociedade que fõrem baldos de recursos; logo a polygamia é inconveniente porque autoriza uns a possuirem muitas mulheres, e obriga outros a viverem solteiros toda a sua vida.

Uma sociedade qualquer (idéa do Snr. Cousin) é tanto mais moralizada quanto mais moralizados são os individuos de que ella se compõe; mas para que a sociedade receba em seu gremio individuos moralizados, é necessario que o fóco domestico moralise seus filhos, ora isto a polygamia não pôde fazer, porque ella é essencialmente immoral; logo a polygamia é inconveniente porque traz a immoralidade á sociedade. E, com effeito, quem ouzará dizer que a polygamia não é immoral, quando nós sabemos que as mulheres do polygamo são de tal sorte devoradas pelo ciúme que chegão a propinar veneno áquellas mesmas que são suas companheiras de infortunio, e a trespassar-lhes o peito com aguçados punhaes?

Temos apresentado em pequenas proporções as nossas idéas a respeito da polygamia, e acreditamos ter manifestado quanto a detestamos.

Não damos maior desenvolvimento a esta questão por nos parecer desnecessario.

S. Paulo, 13 de Abril de 1859.

Pedro de Araujo Leite.

CHRONICA DA ACADEMIA DE S. PAULO.

Aos grandes homens, directa ou indirectamente, devem as nações toda sua grandeza e felicidade, por que elles são, por assim dizer, os paes d'essa grande familia.

Não foi, pois, sem razão, que algumas, ainda as menos civilizadas da antiguidade, fizeram apothese de seus sabios e guerreiros. Napoleão, o maior homem que o mundo tem visto, não derramou tanto sangue senão para acabar de dar á Europa a primasia que hoje tem sobre as demais partes do globo.

E não ficarão, como sabemos, circumscriptos sómente n'aquella parte os grandes beneficios que lhe trouxe esse homem, que a Providencia já tinha destinado para os tempos modernos, por que o mundo antes de Colombo não bastava para conter seu nome. A influencia d'esse meteóro se fez sentir mais longe, e a luz que elle espalhava reflectio além dos mares. O Novo-Mundo, que se hia libertando do captivo, decifrou a palavra—civilisação—que elle escrevia com seu gladio tinto de sangue. O Brasil recebeu por tanto a grande parte que por direito lhe competia n'essa grande partilha. Finalmente os Andradas—os apóstolos de nossa liberdade—completão com o grito da Independencia, essa grande obra que, sem pensarem, haviam outros começado. E á este facto, como consequencia, é que deve o Brasil o seu engrandecimento material, e o contar hoje em seu seio uma tão esperançosa mocidade que ha de leval-o a disputar com as outras nações a palma da civilisação. A sua realisação está annunciada no progresso que ella tem feito em conse-

quencia do grande talento e dedicação com que lhe dotou a natureza.

E' o que está exuberantemente provado, e ninguém ousará contestar, ao menos quanto á nossa Academia, de cujos progressos somos testemunha ocular. Além d'essa natural tendencia, aqui outras causas grandemente concorrem para tão bons resultados. A localidade, a mais propria que podião escolher, se não resume todas em si, ao menos tem entre ellas o principal lugar.

Decorada com muitos e variados dotes, ella offerece, quaes os sitios da antiga Grecia, as mais bellas recordações a imaginação calma do philosopho, e inspira o poeta, que vive sempre embebido nas bellezas da natureza.

Demais, tambem o silencio profundo da cidade, as estreitas relações com as outras classes, a falta de certos divertimentos, o que tudo se explica por—cynismo—em nossa phraseologia, arrastão-n'os á noute, ás vigílias do gabinete.

Alli, preocupado ainda o philosopho com as bellas tradições d'esta patria de heroes; com as associações do nome Paulista que tão espontaneas lhe vierão; revolve na mente toda philosophia, e percorrendo seus diversos periodos, entra a final no mundo da Metaphysica.

Procurando quem, mais do que elle, seja conhecedor *d'essas regiões*, revolve Kant, Jouffroy, Cousin; estuda seus diversos systemas, approva uns, refuta outros, e acaba, como philosopho, por estabelecer tambem um para si. Estuda tanto, medita com tal attenção, que sabe mais convencido da verdade do que Galilleo quando sustentava o systema de Copernico perante a inquisição Romana. O poeta, tendo por sua vez na mente este céu tão puro como o da Italia, os encantadores sitios que se divisa ao longe, as floridas margens de seus rios, a extensão que abrange tão espaçoso horizonte fica como que fóra de si, e transportado para o céu da poesia, repe te com o poeta de Mantua « ab Jove principium, musæ. »

Inspirado ali por Erato e Calliopse, que elle invoca em seu extasis, recorda-se dos mais poeticos objectos com que

muitas vezes tem sonhado. Elle divisa logo o branco cysne adejar sobre as prateadas aguas do Meandro; a aguia dos Alpes levantar seu vôo altivo, e o condôr dos Andes sumir-se na immensidade do espaço: vê Tasso brincando nos jardins de Sorrento, o Pindo, o Parnaso, elevarem até aos céos seus altivos cabeços, Hypocrene brotar do Helicon, e o Eurus rotas deslizar-se veloz para o mar da Laconia.

Sua inspiração eleva-se a tanto que não só vê esses objectos, mas ainda ouve depois o estrondo do Niagara, das cataractas do Nilo, o sussurrar das brizas que soprão nas campinas, a voz melodiosa da philomela, e finalmente até chega a sentir um braço angelico roçar-lhe as faces, um collo de alabastro descansar em seu seio. Entregue finalmente ás musas, elle não lê, mas devora Dante, Virgilio, Tasso e outros. E com a leitura d'estes poetas que elle procura imitar, não lhe tarda muito a crear sua Leonor, sua Beatriz, tão bella como a Venus do Oceano, e a empregar em seu louvor uma ode, uma canção, um poema emfim. Mas antes de terminado esse parto de sua imaginação ardente, que já não se lembra mais das bellas curiosidades da natura, elle não é mais o cantor apaixonado — é Orpheo que desce aos Infernos para arrebatara Euridice, é Castilho que diz pela boca do cioso bardo «mulher pura e fiel não ha, nem houve.»

Eis, pois, donde nasce a mania de poetisar de que sômos, não sei porque, tão fortemente acoimados. E' uma impiedade pretender-se tolher o vôo altivo do genio, desviar o homem d'aquillo para que o arrasta sua natural inclinação.

Todo estudo é util, deleita, illustra, celebra o homem quando é, como cumpre, sufficientemente cultivado; porque o homem só é grande n'aquillo para o que nasceu. A celebridade do poeta não é, como alguém pretende, tão vã como a de um Erostrato, que queimou o magnifico templo de Diana. E' porém forçoso dizer que são muito archyperbolicas as accusações que nos fazem, porque a poesia não absorve, como querem, o tem-

po da maior parte da mocidade; é pelo contrario para esta, uma innocente distracção dos sérios estudos de philosophia, historia e jurisprudencia. Que triste degradação não seria se os filhos d'esta Academia nada mais vissem além dos horizontes da jurisprudencia! E' preciso que o juriconsulto seja tambem, além de philosopho, escriptor e litterato, (1).

Em Coimbra, onde se tinha em tão alta conta o Direito, era o ornamento da Universidade a pleiade brilhante de litteratos e poetas brasileiros, que tornarão-se credores do respeito e apreciação em que os tinham os filhos da velha Europa..... Esta analyse, porém, já váe se apartando muito do nosso proposito: como quer que seja, o que nos cumpre provar é que a mocidade aproveita aqui muito melhor o tempo do que se estivesse a Faculdade na capital do Imperio. No meio d'aquella confusão, de tantas e variadas distracções, nem para a cultura das musas haveria lugar, ao passo que aqui a idéa predominante é o estudo. Cada dia novas bandeiras se arvorão, a mocidade enche-se de uma nobre emulação e fica possuída de um novo entusiasmo. As associações litterarias, longe de se enfraquecerem com a retirada dos socios que completão a sua carreira juridica, tomão cada vez mais força, mais vida, porque elles legão aos novos campeões o exemplo mais vivo de amor e dedicação ás nossas instituições academicas.

Ahi está o—Ensaio Philosophico—a mais antiga das nossas associações litterarias, que já conta dez annos de uma lide gloriosa, que tem podido vencer todos os obstaculos, e conservar sempre suas idéas de moderação. De uma fracção deste corpo, á que novos associados se unirão, formou-se não muito depois o—Atheneu Paulistano—que jámais desmentirá o character nobre de seus dignos fundadores, cujos nomes estão escriptos com honra em os nossos annaes academicos.

Sua inauguração solemne teve lugar no dia 7 de Setembro, e até hoje reveste-

(1) Não tomamos esta palayra na extensão que lhe dá Guisot.

se de galas para celebrar com enthusiasmo o mais sagrado dia do Brasil. Os espiritos, porém, que reconhecem que o progresso é a vida, não podião ficar estacionarios, e como surdos ás reclamações dos tempos.

Era preciso, pois, que estas duas associações outras irmãs tivessem para coadjuval-as no nobre empenho de conquistar a Sciencia. Convencidos d'estas necessidades, e cheios de nobres aspirações, alguns jovens estudiosos, que então cursavão o Collegio do Snr. Dr. Vicente Mamede, fundarão, no dia 11 de Agosto de 1857, uma outra associação, a que, em honra do estabelecimento, dêrão o titulo de—Culto á Sciencia.—Foi, na verdade, humilde em sua origem porque o nome de seus fundadores não erão então conhecidos no mundo academico, e seu primeiro grito não foi ouvido nos vastos salões, nem reboou pelas abobadas da Academia. Mas que importa? Nada tem com o fim a origem das cousas; é muitas vezes esta mesma humildade o mais forte argumento contra certos prejuizos, e sufficiente em si para repellir qualquer sarcasmo. O Amasónas, que impelle com furor as aguas do Atlantico, o rei dos rios na bella expressão do Snr. Magalhães, não é em Laricocha onde tem a sua origem mais que o humilde Tinguragua.

Firmada sobre bases mui solidas, escudada com a protecção valiosa de algumas pessoas importantes, esta associação não tem até hoje desmentido o titulo que tão briosamente abraçára. E pois (a continuar assim), podemos desassombadamente assegurar, que ha de prestar, para o futuro, relevantes serviços ás letras, e fazer muita honra ao nosso curso juridico.

Posteriores á esta, apparecêrão mais 2 outras associações litterarias—Ypiranga e Instituto Academico—á frente das quaes está o Snr. Dr. José Tell Ferrão, que tem tomado uma parte muito activa em pról da nossa causa. A criação d'esta ultima teve lugar depois de sérias discussões, em que tomárão parte as principaes illustrações academicas, cujas vozes eloquentes echoárão por muitos dias em

um congresso numeroso, illustrado e imparcial. Esta sociedade se divide em tantas sessões, quantos são os annos do curso, e estas, em subseções correspondentes ao numero de cadeiras. N'ella só se trata das materias dadas nas aulas durante a semana, tem um caracter magistral, é, por assim o dizer, um reflexo da Academia. —As duas primeiras destas associações não tem só triumphado pelo lado da tribuna.

Dous jornaes bastante conhecidos que ellas de ha muito tempo publicação, tem offerecido aos seus lidadôres as mais brilhantes corôas de gloria, e estampado esses nomes illustres, que nos enchem de entusiasmo, como o de Napoleão, que electriza o soldado Francez. Convencidos de que a imprensa deve sempre acompanhar a tribuna, os socios do —Culto á Sciencia—se esforçarão tambem para satisfazer a essa imperiosa necessidade que já se fazia sentir. Não foi ha mais tempo satisfeita porque emprezas taes como esta, tanto pelo lado material, como intellectual, nos offerem difficuldades muitas vezes insuperaveis. Mas, apesar disso, conseguimos em fins do anno passado crear as presentes memorias que hoje temos a honra de offerecer ao publico.

Essas difficuldades, porém, com que até aqui temos lutado, ainda nos parecem de muito pouco momento comparadas com as que antevêmos contra a continuação do nosso trabalho. Esperamos com tudo, que havemos do mesmo modo vencê-las, porque temos como um dever não recuar um só passo—esgotar as forças que de novo cobramos e dizer a final como Cesar «jacta est alea.» Cada uma d'estas creações parece ser entre nós gritos de animação pelos quaes outros guerreiros, ás vezes mais valentes, saltão a par ou á frente de quem os dá.

Posterior á criação de nossas—Memorias—acaba, pois, de nos vir ás mãos o primeiro numero da Revista academica que folgamos de noticiar ao publico, e com especialidade á mocidade estudiosa, que deve recebê-la com amor fraternal. Este jornal, cujas bases promettem que elle hade ser a regeneração de nossa

imprensa, é um grande serviço que á mocidade prestão os seus dignos fundadores. Está auxiliado, segundo nos consta, por algumas pessoas que gosão de bastante prestigio; pois é uma das condições para a estabilidade de nossas cousas, porque a mocidade, ainda que forte e animada, precisa todavia de ter os seus *Mecenas*. Não foi por outro meio que nos tempos antigos florecêrão as letras na côrte de Octaviano Augusto, e que Luiz XIV, que immortalisou seu seculo, vio a côrte de Paris tão decerada de sabios. Foi da idéa de sua criação, e é um de seus principaes redactores o Snr. José Vieira Couto de Magalhães, cujo nome só por si faz entre nós a apologia d'esta nova producção.

Ha de haver talvez quem pense, e até que diga, que á vista d'este, o nosso jornal não tem écho, e que não podendo resistir á sua luz deslumbrante, deve necessariamente morrer. Quem porém pensar com mais reflexão e baseado em principios, ha de dar antes como necessidade o contrario d'aquillo, visto como militamos debaixo das mesmas bandeiras, pugnamos pela mesma causa e são communs nossas victorias. Nós não vemos no Snr. Magalhães senão o nauta amestrado que, retirado por algum tempo dos mares do jornalismo, toma de novo o leme de sua náu, para nos mostrar os perigos, e salvar-nos da mordacidade fazendo respeitar nossas bandeiras.

—Vae em breve sahir á publicidade a—Lyra dos vinte annos—nova composição do mesmo Snr. Magalhães, que se propõe em sua obra a levantar do esquecimento os nomes dos nossos antigos lidadores, apresentando alguns de seus melbores trabalhos com a competente biographia do seu author. Será mais um incentivo á nossa emulação, um grito que despertará seus companheiros que dormem.

—Compartilhando estas idéas, o Snr. Nabuco de Arango, estudante do quarto anno, dêo tambem á luz um drama—a Rosina—que mandou imprimir na Côrte, e foi ha pouco distribuido entre nós. Ainda não o lêmos, e deixamos por isso de emittir sobre elle nossos fracas idéas.

Já bem commum entre nós, é o drama um dos ramos da litteratura que deve agora attrahir mais a nossa attenção, por que não devemos consentir que o nosso theatro seja em sua totalidade invadido pelas peças Europeas.

Haja menos fé pelo que é estrangeiro, mais amor ou apreço ao que é nacional, que não ha de *causar espanto* apparecer composição que possa revalisar ao menos com as de Shakspeare, Racine, Corneille etc.—No dia 15 do mez passado, na fórma do costume, abrirão-se as aulas da Faculdade. As de preparatorios têm, algumas d'ellas, n.º muito maior do que o do anno passado. Na de philosophia mudou-se o compendio do Snr. Poneile para o Barbe; assim como mudou-se o compendio de D. Ecclesiastico, que era Gmeiner, para Villela Tavares.—Felizmente já vão desapparecendo de entre nós certos costumes que herdamos da velha Academia de Coimbra.

Vem pois chegando o tempo de seu desapparecimento, e debalde procurarião resistir porque as trévas da ignorancia não pôdem empecer a luz da civilisação que em seu curso váo mostrando os abysmos que ellas cobrião.

Os primeiro-annistas, cujo numero chegou a 124, fôrão portanto mais bem recebidos este anno do que os dos annos anteriores. Praza a Deus que lhes caiba a gloria de acabar por uma vez com esse divertimento, tão máo pelas suas consequencias. E' o maior anno que tem apparecido, porém em regra de proporção achamol-o muito pequeno comparando com outros de épochas mais remotas, porque—não devemos nem ao menos suppôr que retrogradamos. Apesar do juiso emittido pelo correspondente de certo jornal, elle conta, não em pequeno numero, moços assaz habilitados, já pelos seus talentos, como por alguns conhecimentos de que elles dispõem.

Vai tomar conta da primeira cadeira d'este anno, para a qual foi nomeado, o Ex.^{mo} Snr. Dr. João da Silva Carrão, por se ter jubilado S. Exc. o Snr. Conselheiro Manoel Joaquim, Director da Faculdade. Defendêrão theses e sahirão approvados os Snrs. bachareis Hygino Al-

vares de Abreu e Silva, deputado á Assembléa Provincial de Minas, e Aureliano Candido Tavares Bastos. De tempos a esta parte tem havido, como nunca, uma grande affluencia ao gráo de doutor em capêllo. Muitos outros candidatos que o pretendem tambem com justos titulos vão logo apresentar-se.

As sociedades litterarias quasi todas já celebrárão as suas sessões de abertura para começarem os trabalhos d'este anno.

A do—Culto á Sciencia—que teve lugar no dia 27, foi magna, porém sómente entre os socios, conforme as disposições dos seus estatutos, os quaes já se achão no prélo. Depois do recebimento de grande numero de socios effectivos, que tomárão assento, o Presidente—o Snr. Brito Junior—abrio a sessão com um bem expressivo e eloquente discurso. Teve depois a palavra para fazer o discurso official, como orador competente, o Sar. F. C. de Abreu e Silva. Orárão ainda na qualidade de socios os Snrs. Araujo Leite, João Carlos, Pestana e A. M. dos Reis. Foi marcada e teve lugar no dia 2 do corrente a primeira sessão ordinaria d'este anno. Fôrão marcadas para discussão—uma these de Historia, e outra de Direito Romano, porém por falta de tempo só entrou a primeira. Como proponente d'esta these, orou em primeiro lugar o Snr. Vieira de Carvalho. Com toda calma, e com sua nunca desmentida eloquencia, começou o seu discurso desenvolvendo estas palavras do Snr. Michelet « quando Luiz XIV disse—o estado sou eu « estas palavras não erão filhas do orgulho, mas a simples enunciação de um facto. » Analysado o reinado d'este grande rei, passou o orador a tractar da guerra da successão Hespanhola.

Depois d'elle, coube a palavra ao Snr. Pedro d'Araujo Leite que se oppôz com igual força de eloquencia contra a monarchia hereditaria.

Por falta de tempo os Snrs. Brito Junior, Gervasio Mancebo, fôrão muito laconicos em seus discursos, e outros que estavam inscriptos para a discussão não poderão fallar, porém, como é de suppôr, reservárão-se para a sessão seguinte.

Cheia de esperanza, e como sempre animada, acreditamos que esta Associação seguirá sempre esta marcha, não desmentindo o character do Ensaio e Atheneu—que lhe dérão o exemplo de patriotismo e da mais firme constancia. E pois fazemos votos para que perdurem os mesmos laços de amisade que tem prendido todas as nossas Associações, de sorte que possam fazer entre si uma como confederação litteraria. Vêr cada vez mais desenvolvido o amor ás letras, ás nossas instituições, e engrossadas nossas fileiras—eis o que devemos tão sómente desejar; sejam embora mal interpretados algumas vezes nossos esforços, e diga o vulgo ignorante, inimigo por consequencia do progresso, que a copia de bachareis que sahe de nossas academias, é um atraso para o paiz. Não admira que assim pense o vulgo, pois que o fallecido Alves Branco, varão tão erudito, chegou a apresentar na qualidade de ministro da justiça em 1835, como medida essencial, o fechamento temporario dos nossos cursos juridicos!! Eis uma d'essas occasiões que não podemos deixar de repetir com Horacio:

Quandoque bonus dormitat Homerus.

S. Paulo, 3 d'Abril de 1859.

M. de S. Bueno.

A QUEBRA DO JURAMENTO.

I.

Era uma encantadôra noute de verão. A lua mostrava-se radiante e bella recostada em seu leito azulado do céo, prateando as ondas mansamente impelidas pela brisa.

A natureza silenciosa parecia encantada de sua propria bellesa.

No entanto ouvia se ao longe o som magico de uma orchestra.

Era um baile.

As ondas vaporosas dos perfumes exalados pelas flôres, o brilho das luzes que reflectia-se nos olhares fulgentes d'esses anjos, ou seraphins do Elyseo a que chamão mulheres, o rossegar das sedas,

o murmúrio dos sorrisos, a belleza de um sem numero de virgens que ornavão a salla erão de enfeitiçar e embriagar a mente, de arrebatár o pensamento e levá-lo a essas regiões de phantasia, onde pairão os sonhos dos poetas.

As danças se succedião e a mocidade ardente, submersa n'um mar de prazeres e alegrias, entregava-se a seus encantos.

Em uma das ante-sallas, porém, alguém, que se tinha affastado por um pouco d'esse bulício, passeava só.

Era um mancebo de vestes negras, pallido, olhos e cabellos pretos, e de sympathico semblante.

Amava os bailes e os prazeres, dava a vida por um sorriso; mas no entanto seu coração ainda estava livre.

Até então não tinha havido olhar por mais expressivo que fosse, que tivesse podido penetrar em seu peito.

Era livre—em seus canticos poeticos jámais se presentíra a influencia do—amor.

Suas vestes negras erão um méro capricho de gosto.

Ausentára-se um pouco do bulício do baile, por que necessitava abrandar a fadiga causada por seu dançar continuado. Mas lá mesmo em seu retiro fôrão penetrar os sons de uma walsa.

E o mancebo estremeceô, não pôde resistir, corrêo ao lugar onde se dançava. Alguns pares já principiavão a walsar. De um lance de vista, elle percorrêo toda a salla e seu olhar se foi fixar n'uma candida virgem.—Era um anjo de belleza.

Sobre a superficie humida de seus olhos negros scintillava um brilho mais lusente, que o das estrellas do céo, e castanhos escuros cabellos, erão presos por dous bandós, que cahião-lhe quasi aos hombros. Por seus labios de romã deslisava-se um sorriso de fada; sentia-se-lhe o palpitar do coração n'um collo tão bello, como jámais concebêra a imaginação dos poetas.

Se a visse Corregio lhe invejaria o corpo para imitar-lhe as fórmãs.

Seu trajar era simples e gracioso.

Um vestido de barege de seda branco com listras azues atravessadas cobria-lhe

aquellas fórmãs divinas. Uma camelia escarlate lhe ornavava o seio, e o ramo d'essas mesmas flôres, que trazia na mão parecia querer disputar em brancura com sua tez delicada.

O mancebo correu ao lugar onde estava a virgem, e d'ahi a pouco em seus braços parecia uma sylphide vaporosa levada pelo sôpro da viração.

.....
O baile tinha terminado. Apenas o baço clarão das luzes já quasi a morrerem allumiavão as flôres desprendidas dos bouquets, que estavam cahidas pelo chão; e o mancebo immovel, como uma estatua de pedra, estava ainda assentado por sobre um sofá lançando olhares amortecidos para aquellas sallas que tinham sido ainda a tão pouco o theatro de tantos episodios, e que parecião recordarem-lhe uma ventura.

Finalmente levantou-se, ebrio em seu scismar, e sahio.

Ao olhar para a lua parecia-lhe que n'ella estava escripto—amor.

No ciciar da brisa por entre as verdes negras folhas das arvores julgava ouvir o nome de—Laura.

Muito tempo elle vagou sem destino pelas ruas; sentia-se alegre e triste ao mesmo tempo, os rizos e as lagrimas brotavão-lhe espontaneamente.

Pela primeira vez em sua vida elle sentia orvalhar-se a alma com essa gota descida dos céos.

Seu coração até então intacto recebeu essa scintilha electrica, que o veio tornar n'um volcão.

Laura era o unico objecto de seus sonhos e seus pensamentos.

Elle estava loucamente apaixonado.

II.

O sol já quasi a deitar-se em seu leito de rubias, lançava seus ultimos raios, doirando os pincares dos rochedos.

N'um valle ameno coberto de relva, matisada pelas flôres da primavera, via-se uma pequena capella toda pintada de branco.

Os arcos de flôres, as harmonias da musica, e o povo que em ondas revolvia-se n'aquella campina tão bella, an-

nunciavão que alli havia uma festa.

E em quanto que no templo de envolto cou as nuvens do incenso, que ardia nos thuribulos, elevavão-se a Deos os canticos dos sacerdotes; lá fóra sob o verde tecto de folhagens dos caramanchões ouvia-se o estalar dos beijos nas taças de crystal e o arroxado dos vinhos m sturar-se com o carmim dos labios.

Em um d'estes caramanchões, em roda de uma mesa assentavão-se seis moços de olhos brilhantes, e soberbas fronte.

Occupava a cabeceira o scismador da noute de luar, o mancebo das vestes negras, que perdêra o coração na noute do baile. Com o rosto apoiado nas duas mãos estava absorto em seus pensamentos, em quanto que os companheiros fazião uma algazarra infernal.

O amor é uma loucura, sonhos da imaginação!—clamavão uns.

E' o divino do coração humano!—bradavão outros.

Sim—exclamou o scismador—é o divino do coração humano!

Eduardo está apaixonado!—gritarão todos.

E o mancebo calou-se.... Em seu coração elle sentia a verdade d'aquellas palavras.

E a orgia continuou em todo seu vigor.

De repente se fez ouvir um surdo ruido vindo de fóra.

Eduardo, como que inspirado, saltou a porta do caramanchão e vio Laura vestida de azul.

Seus olhos brilhantes dominavão a multidão e fazião-na dizer baixinho—como é bella!—E assim murmurando affastavão-se todos em sua passagem.

Eduardo ficou frio como um marmore, e a perturbação que se divisava em seu semblante, fazia vêr claramente a emoção que sentia com aquelle apparecimento.

E como um écho seus labios repetirão—como é bella!

A moça ouviu, e em sua boca de rosa deslizou se um sorriso, que exprimia o agradecimento.

O mancebo seguiu-a de longe, seguiu-a com a vista, com o coração e com os passos.

Por algum tempo elle pôde acompa-

nhal-a; mas bem breve o tumultuar do povo, o vaivem dos que passavão o separarão d'ella.

Não tinha escapado a Laura nem a expressão das palavras de Eduardo na noute do baile, nem sua perturbação na porta do caramanchão: ella o tinha comprehendido e talvez que em seu peito já não fosse um mysterio—o amor.

Por isso o olhára sempre desde que o víra n'aquelle lugar.

E o mancebo nunca percebeo aquelle olhar tímido, que revelava a candura de sua alma.

No entanto Eduardo vagava como um louco por todas as avenidas, por todos os lugares á procura de seu anjo.

Depois de muito vagar—entrou no templo.

No primeiro passo, que elle dêo ao transpôr o limiar da porta, avistou Laura de joelhos: seus olhos fitos no altar, seus labios entreabrindo-se para deixar passar algumas preces dirigidas ao Creator, a candidez e serenidade de seu semblante davão-lhe um encanto divino, um encanto arrebatador.

Era um anjo dos céos trajando as vestes humanas, uma fada mysteriosa que desceo á terra.

E o mancebo arfando de cansaço e cheio de amor se foi recostar n'uma das columnas da igreja, e ahí ficou por muito tempo contemplando-a n'um completo extasi.

Laura percebeo sua entrada, e lançou-lhe alguns olhares a furto. Depois, tendo terminado sua oração, ella levantou-se e sabio.

Ao chegar á porta seu velho pác dêo-lhe o braço, e como sempre—acompanhou-a por entre a multidão.

Eduardo ficou ainda meditando mergulhado em seu scismar.

As pessoas que estavam no templo, fóraõ sabindo e deixarão-no solitario. Então um vulto embuçado atravessou pela frente de Eduardo, contemplou com olhar medonho aquella estatua recostada á columna e desaparecêo por uma das portas lateraes.

Esta apparição accordou o mancebo de

seu lethargo, e impellio-o a deixar a Capella.

.....
O sol já tinha de todo se sumido e o manto da noite desdobrando-se por sobre a terra a deixava totalmente envolta em trévas. A multidão começava a fazer sua retirada, e ouvia-se já ao longe o éco do bater das patas dos cavallos.

Eduardo apenas sahido da igreja se tinha ido assentar em uma das bancadas dos arcos, e ahi longe de prestar attenção ao bulicio do povo, á muzica que se retirava fazendo echoar nos ares seus sons melodiosos misturados com os vivas dos que a seguíão; longe mesmo de atirar-se no meio dos prazeres, como todos seus companheiros, elle continuou em seu longo meditar.

Que mudança em sua natureza, jámais alguém o víra assim.

Em todos os festins era o mais ardente, e o mais entusiasta.

Em todas as festas o mais prompto e o mais alegre; e ali era uma sombra levada pelo sôpro da viração, a estatua de um mausuléo que vê insensível as lagrimas, que junto a si se derramão, o lyrio que despreza os beijos e os sorrisos da brisa.

O ruido de um cabriolet, que passou por junto a elle, o veio tirar do mar de imaginações em que estava mergulhado.

Dentro ião Laura e seu pác.—Eduardo a vio, e como uma machina impellida pela vontade estranha, seguiu esse carro.

Por muito tempo elle corrêo como um louco atraz do cabriolet; mas teve que ceder á fadiga e cahio exausto de forças no meio da estrada.

Por acaso passavão n'aquelle momento os carros da diligencia; havia um lugar vago e elle foi occupal-o.

Ao chegar a casa, Eduardo atirou-se por sobre um sofá. Então passarão-lhe pela imaginação todos os episodios d'essa festa que lhe tinha sido tão propicia.

Ora vía Laura radiante de belleza dominar com seus olhares arrebatadôres essa multidão que a contemplava extasiada. Ora a vía de joelhas no templo com aquelle semblante candido e divino

que encantava os corações, ou tristemente recostada em seu cabriolet.

E assim sua mente perdia-se n'um mar de phantazias.

E elle quiz dormir e não pôde: seu cerebro ardía como fogo, faltava-lhe o ar para respirar.

Sahio para a rua.

A noite estava escura e silenciosa; nem se quer o piar do môcho fazia-se ouvir n'aquellas horas mortas.

Uma fatalidade levou o mancebo a passar pela casa de Laura.

Perto d'essa casa havia uma alameda, que ia terminar justamente em frente das janellas da camara de Laura, uma das quaes estava aberta deixando penetrar a claridade na rua de envolta com um cantico harmonioso, que exprimia o amor e a saudade.

Apenas chegado á primeira arvore da alameda, Eduardo ouviu esse cantico: em sua alma derramou-se um prazer inexplicavel, sentio o palpitar do coração tão forte, que parecia quebrar-lhe as paredes do peito, e apressado elle corre ao lugar donde partião os sons.

Alguns passos distava apenas da casa, quando o canto parou, e na janella apparecêo uma pessoa de branco.

Era Laura.

O mancebo escondeo-se por entre as folhagens, e comprimio a respiração.

Então elle ouviu pronunciar-se seu nome, acompanhando-o um longo suspiro.

E a janella fechou-se, e a rua ficou completamente na escuridão.

Eduardo sentio a vida querer fugir-lhe; pareceo-lhe ter sido arrebatado ao céo.

Oh! elle tambem era amado!

S.

(Continúa.)

PHILOSOPHIA.

SUICIDIO.

Se o homem permanecesse no leito dos prazeres e da tranquillidade, sem

jámais ser-lhe pesado o cadinho da adversidade, assim como as catastrophes que cercão a humanidade, alentaria necessariamente cada vez mais seu instinto de conservação, e mal cogitaria na morte; porém se se visse perseguido pelas enfermidades e paixões, se os lances da fortuna sobre elle se descarregassem, tudo então mudaria de face: a tranquillidade se metamorphosearia em desasocego e martyrio e o prazer em melancolia e desespero.

E' em taes circumstancias então, que o homem attenta contra sua propria existencia!

As paginas da Historia nos apresentam copioso numero d'estas aberrações, aberrações que não podemos deixar de justificar.

Com effeito; quem crimirá a Catão por não haver podido sobreviver á morte da liberdade sua patria? a Bruto, quando depois de fazer tudo quanto julgava ser o summo bem da Republica, vê suas esperanças mallogradas, sua virtude como menospresada e ludibriada pela sorte? a Annibal por haver terminado seus dias na Córte de Prusias?

Na verdade parecia uma vil corbardia, se depois da passagem dos Alpes, do conflicto de Tessino, das brilhantes batalhas de Trebia, Trasimeno, Cannas e finalmente, depois dos dezeseis annos em que fôra o terror dos Romanos na Italia,—o invicto Carthaginez olvidasse tantos monumentos perennes de sua gloria, para sepultar-se n'um tumulo d'ignominia e approbrio, fazendo entrega de sua pessoa á seus inimigos; mas a grandeza d'alma de Annibal era incompativel com tal principio; assim preferio elle entregar-se voluntariamente aos braços da morte!

Nós justificando o suicidio, teremos tambem justificado a morte de Annibal, Bruto, Catão, Lucrecia, Sapho etc.

A liberdade é sem duvida a mais bella prerogativa que a Divindade prodigalisou ao homem; ora sendo este um ente livre, certamente não ha razão alguma para ser-lhe arrancada a faculdade de dispôr de sua existencia.

Deos creando o homem, não só dão-

lhe liberdade, mas tambem amor proprio, principio conservador da vida; porém se o amor proprio, o prazer da vida, não tem poder para prendê-la, tambem a dôr que lhe foi dado soffrer é incapaz de oppôr-se á sua destruição; e se o principio de todas as cauzas não põe embaraço a um effeito que a dôr crê inevitavel, que motivo haverá para d'elle nos privarmos, quando a impressão do mal a isso nos impelle?!

Dirão, que tal procedimento é um roubo que fazemos á sociedade e que portanto é illicito o suicidio; mas nós diremos: assim como temos a plena liberdade de viver na cidade ou de nos refugiarmos nos campos e desertos, ficando d'este modo entes nullos á sociedade, podemos por uma razão analoga cortar o fio da existencia, quando d'ella nos julgamos fartos sem contudo offendê-la; pois que se estamos na situação de não podermos prestar soccorro a nós mesmos, menos força teremos para render serviços á sociedade.

Demais, não vemos nós muitas vezes a sociedade dispôr da vida de muitos homens? Se ella pôde fazê-lo, porque não o poderemos nós tambem?

Assim, vêmos que a lei natural nos permite dispôr de nossa propria existencia, quer consideremos o homem no estado de natureza, quer no de sociedade.

S. Paulo, 6 de Abril de 1859.

A. C. Oliveira.

HISTORIA PATRIA.

OS ANDRADAS.

Todo o brasileiro, amante do seu paiz, tem gravados no íntimo de seu coração os nomes dos cidadãos que propugnárão pela grandiosa idéa aventada no centro do Brasil em fins do seculo passado, e realisada nas campinas do Ypiranga no dia 7 de Setembro de 1822.

Entre esses nomes figurão incontestavelmente os dos tres irmãos Andradas,

varões conspicuos por seu patriotismo, e cuja lealdade jámais foi desmentida.

Filhos da villa de Santos poderão, graças ás posses de seu pãe, viajar a velha Europa, onde apóz gloriosas fadigas conquistárão honrosos pergaminhos. Findos os trabalhos academicos, dous d'elles resolvêrão entregar-se ás meditações da sciencia, ao passo que o outro, Antonio Carlos, preferio a tudo a toga de magistrado; e occupava já um eminente logar n'essa carreira, quando apparecêo a primeira revolução de Pernambuco. Vencida esta, a cidade do Recife vio deslizar o luctuoso cortejo da reacção sanguinaria; patriotas distinctos, e cujos talentos serião propicios á patria perdêrão a vida; cidadãos eminentes fôrão expiar nas masmorras, uns o desejo de sacudir o jugo lusitano, outros a sua innocencia. No numero d'estes figurava Antonio Carlos, victima de uma injusta accusação vio fechar-se sobre seus hombros as portas de um carcere, e esperando a morte acalentava a idéa de que um dia sua patria seria livre. A final depois de quatro annos de prisão foi reconhecido innocente, e abandonou o calabouço para ir sentar-se nos bancos do Congresso de Lisboa.

Aproximava-se a nova éra; as Côrtes meditavão lançar o Brasil na posição aviltante, em que por tantos annos jazêra; e Villela Barbosa fizera retumbar as abobadas do Congresso com estas palavras memoraveis—*Passarei a nado o Atlantico com a espada atravessada na boca para ir bater os insurgentes.* A luva tinha sido lançada; o Brasil accitára o cartel de desafio; a luta ía empenhar-se; os Andradas assentárão de não consentir que a baba estrangeira nodoasse seu berço, e Antonio Carlos desenvolve toda a sua eloquencia, sustentando perante uma forte maioria a cauza de seu paiz, ao passo que seus dous irmãos, á frente do povo, rezistem ás deliberações da mãe patria.

O dia 7 de Setembro de 1822 terminou essa luta vehemente; o filho de D. João VI soltou o brado de *Independencia ou morte*, que repercutio magestoso por todo o Brasil. Proclamada a inde-

pendencia do paiz, era necessario organisal-o; uma Assembléa Constituinte foi convocada para esse fim, e reunio-se pouco tempo depois. Os partidos não tardárão a apparecer; um era favoravel ao gabinete, entre cujos membros se achavão José Bonifacio e Martim Francisco; o outro era adverso ás idéas dos irmãos e contava em seu seio alguns partidarios do velho regimen. Os Andradas obtiverão a adhesão da maioria da Assembléa, mas bem depressa deixárão de ser escudados pela espada imperial, e abandonárão as commodas cadeiras ministeriaes para irem sentar-se nos toscos bancos da opposição. A imprensa e a tribuna fôrão então os baluartes de suas opiniões; mas a energia de seus pensamentos irritou o Imperador, e quando a Assembléa reclamava seus direitos foi cercada, dissolvida, e alguns de seus membros prezos. Dias depois a fragata *Lucoma* conduzia a familia Andrada para o exilio, onde se conservou por espaço de cinco annos.

O anno de 1828 apparecêo risonho para os campeões da independencia; sua innocencia foi reconhecida, sua volta á patria consentida, e as portas do parlamento abertas aos dous ministros da Independencia.

Em 1831 a nossa situação politica achava-se mudada; a marcha do poder provocava uma resistencia enorme; essa contenda finalisou no dia 7 de Abril. Foi então que o fundador do Imperio conheceo a lealdade dos Andradas, e querendo provar-lhes seu reconhecimento, e pedir-lhes o esquecimento do passado, nomeou tutor de seus filhos ao seu antigo conselheiro, á José Bonifacio!

Começou então um novo periodo da nossa historia; a reacção democratica transpôz os limiares dos regios palacios, e principiou a desenvolver suas idéas; os Andradas alistárão-se immediatamente como chefes de um novo partido, que apregoava a restauração do ex-Imperador, e se denominava—*Caramurú*; julgando que a discórdia, que reinava, facilitaria o seu fim pozerão-se em actividade, mas fôrão vencidos, e o venerando tutor deposto e prezo. Recolhido

á Ilha de Paquetá, José Bonifacio, sonhou ainda por algum tempo a volta do Duque de Bragança, porém a morte d'este dissipou as suas esperanças. N'este interrim o regente Feijó, vendo a opposição que contra elle se manifestava da parte do corpo legislativo, renunciou o poder nas mãos de seus adversarios. Os Andradas julgáram que era chegada a occasião de findarem-se os males que nos opprimião; José Bonifacio sorriu-se e exhalou o ultimo suspiro. Mas logo depois as intenções do governo patenteáram-se, e Antonio Carlos, que voltára ao theatro de suas antigas glorias, auxiliado por Martim Francisco e outros varões illustres, cobrio de tanto opprobrio a regencia de 19 de Setembro, que em 1840 ella se achava sem prestigio, e a idéa da maioridade era entusiasticamente sancionada pelos elhus politicos.

O dia 23 de Julho surgio magestoso; um novo governo tomou a direcção dos negocios, e os Andradas tiveram assento nos conselhos da corôa.

Seis mezes depois, elles se achavão derribados no poder, e o gabinete que lhes succedia adoptava a lei de 3 de dezembro, causa da revolta das provincias de Minas e S. Paulo. O furor partidario não poupou os Andradas, e Martim Francisco, desesperando da época recolheo-se ao lugar do seu nascimento.

O dia 2 de Fevereiro de 1844 foi um véo sobre o passado; Martim Francisco saudou o sol da liberdade, e dias depois baixou ao tumulo.

Restava pois d'essa pleiade brilhante apenas um membro: era Antonio Carlos. Alquebrado pelas molestias, e pelos annos, voltou ao goso de suas antigas honras, e em 1845 penetrou na camara dos anciões.

N'esse mesmo anno, no dia 5 de dezembro, o partido liberal cobria-se de luto, e a causa disto era a morte do Mirabeau brasileiro, do ultimo dos Andradas!

S. Paulo, Abril de 1859.

Theophilo Carlos Benedicto Ottoni.

POESIAS.

A VOZ DO PASTOR.

Offerecida ao Snr. Dr. Vicente Mamede de Freitas.

I.

Sou do campo lá nasci,
Lá morrer fada-me a sina,
Eu mui n'elle já soffri
Por um anjo que fascina.
Não conheço essa grandeza
D'esses mundos de torpeza! . . .
De grande só tenho a vida
Porque é a virtude esculpida!

Das cidades não conheço
O que me contão por cá:
Si me fallão estremeço,
E protesto não ir lá! . . .
Dizem-me que lá as donzellas
Com sedas e finas tellas
Fingir uzao a belleza
Que não lhes dá a natureza!

Ah! maldita seja a vida
D'esses sitios d'esses lares,
Onde a donzella é fingida,
E corruptos são os ares!
Onde os folguedos pomposos,
Os rumores pressurosos
Dão á casta virgindade
As vestes da falsidade!

Onde nos labios ha riso,
Veneno no coração!
Onde o homem perde o sizo
Do vil oiro no clarão!
Onde enterrou-se a virtude
Aos sons de triste alaúde,
Que entoou triste canção
Na tumba da sedueção! . . .

II.

Ah! bem dita seja a terra
Que do sol me deu a luz:
Louvor á ella que encerra
A singellessa que luz
Da natureza nos mantos,
A' ella que tem os cantos
Que sinceridade exprimem
E falsidade reprimem!

Ah! lá tudo é bello, lá tudo é singello,
Lá tudo me enleia com forte cadeia!
As mattas, as selvas, as flôres, as relvas,
As veigas, os prados, os bois, os arados,
As altas montanhas, das fêras as sanhas,
Os astros, os ares, os claros luars,

O son da cascata, as lagôas de prata,
A tarde, a manhã, e a arvore louçã,
A voz seductora da linda Pastora,
O canto saudoso no bosque frondoso
Das aves que cantão com quebros que encantão,
Do tempo os rigores, os nossos amores,
Do vento o zunido, da rôla o gemido
Mil cantos me inspirão que a mente delirão !

Lá tudo fälla ao sublime ! . . .
Dorme o vate ao som da lyra,
Que em mil notas exprime
Os lindos cantos que inspira
O quadro da natureza !

.
.
.

Como é bello murmurando
Na floresta secular
O arroio que girando
Vai no rio se deitar ;
O grosso pinheiro annoso
Tão soberbo e magestoso
Com o vento baluçar
Sobre as campinas do ar.

Como é bello vêr a lua
Sobre a flôr de mansorio
Quando pállida fluctúa
Nas lindas noites do estío ;
Sobre a gruta sombrosa,
Onde a rôla desditosa
Com seu doído rular
Vai o pombo consolar.

E como é bella a palmeira
Nos cimos do cafezal
Embalando-se altaneira
Nos braços do vendaval ;
A cascata magestosa
Que sobre a rocha limosa
Com sonoro crepitar
Vem na base descançar.

E quam bello é vêr á tarde
Deixar o gado a pastagem,
E o touro mais cobarde
Atraz vindo como pagem ;
O forte que antes da lucta
Arma-se, muge, disputa,
Arranha o chão na *manjeira*
E ao lombo joga a poeira.

III.

.
.
.
Na hora em que o lindo e doirado arrebol
Das luzes primeiras do limpido Phoebos (1)

(1) Não censure o leitor o emprego de duas pa-

A Venus risonha, fiel mensageira,
A's aves canóras brilhando annuncia ;
E deixando o Somno as terrestres mansões
A's celestes vóa ; e vigilantes almas
Das trévas o manto contemplão fugindo
Por entre as montanhas, as serras, e valles,
Que as plagas povôão do occaso tristonho ;
Dos fatigados membros no suave mimo,
Da gentil Pastora a meiga voz eu ouço
Docemente soar nos ouvidos meus ;
Depois breves instantes de leve eu sinto
No esquerdo lado roçar mão delicada ;
Do rude trabalho meu corpo cansado
Parece ao chamado da bella Pastora
Deleite gosar, do trabalho esquecer-se
E mais aninhar-se no rustico leito :
Mas logo, de novo, me chama a Pastora.
Então os meus olhos eu abro contente
Ao som melodioso das aves que entôão,
Nos ramos delgados de arbustos copados
Que formão enfeites da humilde cabana,
Um hymno sublime com quebros celestes.

(Oh ! n'esse momento quem é mais feliz ? ! . . .
Os thronos os sceptros os reis deixarião
Em troca da vida que gosa o Pastor ! . . .)

Por breves momentos n'um extasi fico
Até que a lembrança dos meus affazeres
O leito me obrigão saudoso deixar.
E quando do leito distante me acho
Contente contemplo, no amor embebido,
A face morêna corada e formosa
Da minha innocente gentil camponesa ;
Os negros cabellos em soltas madeixas,
Sem fita sem arte p'los hombros pendendo ;
Os olhos travessos de côr de azeviche
Que em brilhos excedem a luz das estrellas ;
Os labios corados de côr mais mimosa
Que aquella que tem o mais fino carmim ;
Os dentes tão alvos que nem co'a candura
Da neve mais pura se os pôde imitar !
E quando, ó estrellas, ó ceos, ó montanhas,
O' serras, ó valles, ó fontes, ó flôres,
O' aves canoras, que a voz campesina
Attentos ouvís, o seu collo contemplo
Arfando com jogo que traz o delirio,
Do collo no oceano nas ilhas de amores,
Em ondas em vagas de ardente paixão
Com ais e suspiros me vou sepultar !
Do todo meu Deos !

IV.

Quando do amor o delirio,
Como a briza, fica em calma,

lavras da mithologia grega, n'esta poesia—Phoebos, e Venus ; pois si attender aos oruatos que pedem os versos d'esse trecho em que elles se achão será justificado o da primeira ; e si attender ao rythmo que usei n'esse mesmo trecho será justificado o da segunda.

Quando esse doce martyrio
 Tranquilla deixa minha alma,
 Na frescura da manhã,
 N'essa hora encantadôra
 Com a formosa Pastora
 Alegre corro á campina
 Colher a bonina
 A flôr que se inclina
 Do sol ao ardôr ;
 Vêr o rocio puro
 Que se acha seguro
 Na haste da flôr ;
 O azul colibrí
 Ora aqui ora aly,
 Em linda postura,
 Sorvendo doçura ;
 As auras mansinhas
 Beijando as folhinhas
 Que n'ellas se embalão
 E n'isso nos fallão
 Em fraze de amor

S. Paulo, Agosto de 1858.

M. P. S. Arouca.

É CEDO AINDA.

Offerecida ao meu amigo J. de F. Vasconcellos.

Quem n'alma te gravou scismar
 tão triste?

(G. DIAS.)

Porque deixar assim pender tão bella
 Da mocidade a flôr ainda em botão?
 P'ra que morrer? Se a aurora entre sorrisos
 Verás louçan.

Algum mysterio embalas em teu seio
 Que t'enlanguede o olhar, e te descóras?
 Nem mais scismes assim celeste Archanjo
 De tristeza !

Não vês que o teu futuro de poesia
 Em azuladas côres se desenha
 De tanto amor, e doces esperanças
 Perfumado?

Embora a vida em canticos sombrios
 Procures prantear entre os cyprestes
 D'um pobre cemiterio; embora almejes
 Dormir ahi.

E' cedo ainda, oh anjo de meu Deus !
 P'ra n'um só dia fenecer-te a vida ;
 Auroras perfumadas se alevantão
 Em teu porvir.

Vem antes no meu peito os sonhos teus
 A' noite solitaria dislembrar,
 Sentir o muito amor que aos seios d'alma
 Tu m'inspiraste.

Então na vida assim que nos virá
 D'enlevos, em suspiros de ventura :
 Do passado se quer mais leve sombra
 Surgir-nos-ha.

O nosso peito após quando sentirmos,
 Da fêbre na existencia consumir-se
 Será doce n'um só, n'um beijo extremo
 Deixar a vida.

J. A. de Barros Junior.

S. Paulo, Abril de 1859.

NO BAILE.

Que folha mimosa
 Tão linda que eu vi !
 Ao vêl-a tão pura
 Não sei que senti.

Que mimo do céo
 Que doce magia
 Que folha cheirosa
 Que aroma espargia !

Ao vêl-a tão pura
 Amei sua côr
 Seu viço innocente
 Com mui puro amor.

Meu Deus! nem se quer
 A pude beijar
 Com tudo no peito
 Sagrei-lhe um altar.

J. A. de Barros Junior.

S. Paulo, 10 de Abril de 1859.